

'Históricos' do PMDB forçarão rompimento

BRASÍLIA — Aprofundar a crise partidária para atingir o ponto de rompimento com o Governo José Sarney. Este foi o assunto dominante na reunião de ontem de 27 peemedebistas "históricos" — 26 parlamentares e o ex-Governador Franco Montoro —, que crêem representar entre 150 e 175 peemedebistas.

Este grupo, que no dia 9 promoverá uma grande concentração partidária em Brasília, quer assumir a liderança do partido para retomar as antigas bandeiras do PMDB e dar um perfil à legenda.

— Da forma que ele está, é um antipartido, uma coisa disforme, amorfa — afirma o Senador José Fogaça (RS).

— Se continuar como está, teremos defecções tanto na direita como na esquerda, com gente deixando o partido por outra legenda — completa o Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas (SP).

No encontro, descartou-se a formação de um partido no momento, como deseja o "Movimento de Unidade Progressista". Eles esperam até conquistar os integrantes do MUP, convencidos de que, se houver defecção agora, o partido será entregue à "direita", reunida no Centrão. Pelas contas feitas ontem, os "históricos" contam com 150 a 175 parlamentares, enquanto o Centrão teria de 80 a 130 peemedebistas.

Com a saída do MUP, que conta algo em torno de 30 parlamentares, o jogo de forças poderia favorecer a ala mais "à direita" do partido.

— Não se pode confundir uniformidade com estreiteza ideológica — diz Covas. — Um partido que quer ser grande e almeja o poder tem que ser largo. Meu compromisso como Líder da bancada é procurar unir o partido o máximo possível. Eu fui um dos criadores do PMDB e sempre almejei transformá-lo no partido dos meus sonhos. Ainda acho isto possi-

Fotofoto de Gustavo Miranda



Covas quer evitar saída do MUP

vel. Mas o compromisso do PMDB é com o seu programa, seu discurso. O discurso que elegeu o Robertão (deputado Roberto Cardoso Alves, PMDB-SP) foi o mesmo discurso que elegeu o Covas.

Para ele, a identidade do governo José Sarney não está no Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, mas, em primeiro lugar, no Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e, em segundo, no Ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Vianna.

— Então este Governo não é do PMDB — avalia o Líder.

Covas, que andava reticente quanto à possibilidade de convocação da Convenção do PMDB para definir uma imagem menos nebulosa do partido, saiu do encontro certo da necessidade desta convenção. O grande problema dos "progressistas" é o tempo. Querem antes amadure-

cer a idéia de volta às origens. Para marcar um divisor de águas entre "progressistas" e "centristas", eles passarão a lutar por dois pontos: rompimento formal com o Governo e mandato de quatro anos para o Presidente José Sarney.

Foi afastada a possibilidade de punição para quem não aceitar esses pontos. Eles desejam tornar a convivência dos "centristas" incômoda dentro do PMDB a ponto de empurrá-los para outros partidos.

— O que estamos discutindo é um partido de qualidade, não da quantidade — observa Fogaça.

A saída dos "progressistas" foi colocada como última e remota opção. Pela ordem de prioridade, espera-se:

1 — Rompimento com o Governo José Sarney.

2 — Mudança no relacionamento com o Governo.

3 — Perda de controle do partido para o "Centrão", com a obrigação de deixarem o partido.

— Se formos esmagados pela direita, não nos restará outra saída. Mas esta é a hipótese menos pensável — acredita Fogaça. — Nosso desejo é revelar a crise do partido e levá-la às últimas consequências. É um jogo de riscos, mas acreditamos ter a maioria do partido.

O ex-Governador de São Paulo, Franco Montoro, e os 26 parlamentares que estiveram reunidos no Senado divulgaram um documento defendendo a retomada da linha programática do partido. Insistem na necessidade de "resgatar a verdadeira face do PMDB, com a construção da democracia, que há de ser o governo do povo, para o povo e, acima de tudo, com o povo de nossa terra". E frisam: "Reconstruída a democracia, cabe ao PMDB realizar as mudanças que ele sempre pregou. Sem demora, com determinação, chegou a hora de reafirmar a linha histórica do partido", a nota.

Novo grupo é iniciativa de Montoro

BRASÍLIA — O mais novo grupo do PMDB, o dos "históricos", nasceu no apartamento do Líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso, e teve como inspirador o ex-Governador de São Paulo Franco Montoro, candidato declarado à Presidência. Montoro queria que o primeiro encontro do grupo fosse em São Paulo. Foi voto vencido.

No início da semana passada, Montoro esteve em Brasília. Almoçou com o Presidente José Sarney, passeou pelo Congresso e se reuniu com os Senadores José Richa (PR), Mário Covas (SP) e Fernando Henrique. Nesta reunião, surgiu a idéia de formar um grupo que não estivesse tão à direita como acreditam estar o Centrão e nem tão à esquerda como o MUP. A idéia não chega a ser original. E nesta linha intermediária que costuma agir com bastante su-

Presidência.

A primeira decisão do grupo, de partir para o rompimento com o Governo Sarney, interessa às candidaturas de Montoro e de Covas. Caso estes "progressistas" realmente detinham cerca de 160 parlamentares do partido, a maioria, podem adotar uma linha programática que exclua certos candidatos peemedebistas à sucessão. A situação de Ulysses — substituto eventual do Presidente —, por exemplo, fica um tanto delicada. Ele teria que romper formalmente com o Governo Sarney para viabilizar-se como candidato.

Esta situação de Ulysses é que provoca a cautela dos "progressistas" quanto à marcação da data da Convenção nacional do partido. Antes que as teses dos "progressistas" — rompimento e quatro anos para Sarney — ganhem corpo dentro do par-

Ibsen acredita em depuração natural

PORTO ALEGRE — O Líder do PMDB na Câmara, Ibsen Pinheiro (RS), defendeu ontem a rearticulação do Partido para acabar com as divergências ideológicas internas, mas somente depois de promulgada a Constituição e sem qualquer expurgo. Ibsen disse acreditar numa depuração natural, fruto da própria prática partidária:

— O PMDB não é lugar nem para reacionários nem para revolucionários — justificou, acrescentando que a legenda "não é abrigo de todos os matizes ideológicos, porque aí deixa de ser partido".

Ibsen acha que essa articulação não pode se dar através da tentativa de unificar o voto na Constituinte. Até a promulgação da nova Carta, disse, o PMDB terá de conviver com as tendências que abriga, sem tentar